

AÇÃO DIRETA

MENSÁRIO ANARQUISTA

Diretor: JOSÉ OITICICA

Administrador: MANUEL PERES

Redação: AV. TREZE DE MAIO, 23-9.º ANDAR — SALA 922

ANO VIII — N.º 98

Rio de Janeiro, Março e Abril de 1955

Preço: Cr\$ 1,00

CAIXA POSTAL 4.588

Toda e qualquer correspondência de Redação e Administração deve ser enviada para a nossa Caixa Postal.



O QUE FOI O 1.º DE MAIO

A GREVE GERAL

Em outubro de 1884, a Federação de Agrupamentos do Comércio e Unões de Trabalhadores dos Estados Unidos e do Canadá, organizada em 1880, decide, em seu quarto Congresso realizado em Chicago, levar a cabo a Greve Geral, para definitiva conquista das 8 horas, greve que, para ter êxito seguro, é marcada para o dia 1.º de maio de 1886.

Depois de uma preparação de dois anos, estoura, enfim a Greve Geral, com pasmo do Governo e dos capitalistas. Só na Fábrica Mac Cormick de Chicago, que em fevereiro havia despedido 2.100 trabalhadores, unicamente por se haverem negado a deixar as suas organizações, cento e dez mil trabalhadores abandonam o serviço. Falam, no comício desse dia, Parsons, Spies, Samuel Fielden, Miguel Schwab.

No dia 2, efetua-se, à porta daquela fábrica, um comício, a fim de convencer duzentos trabalhadores que estavam furando a greve, de que deviam ser solidários com os seus companheiros. Falam Miguel Schwab e Adolpho Fischer. O comício foi dissolvido à força, mas não sem a resistência dos trabalhadores que, com pedras e revólveres, responderam à sanha da polícia.

A 3, ao meio dia, é atacada pela polícia uma manifestação de operários. No mesmo dia dos acontecimentos da Fábrica Mac Cormick, Spies, indignado, redige o seguinte apelo:

"A guerra de classe está declarada. Alguns operários foram assassinados diante do estabelecimento de Mac Cormick. O seu sangue brada: Vingança! Não há mais dúvida! As feras que nos governam têm sede de sangue dos trabalhadores! Os operários, porém, não são réus em matadouros! Ao terror branco responderão com o terror vermelho! É preferível morrer a viver na miséria! Já que nos varrem à bala, daremos tal resposta, que os nossos patrões se não-lembrar por longo tempo. A situação obriga-nos a pegar em armas. Ontem, à noite, quando as mulheres choravam pelos filhos e maridos e as crianças choravam pelos pais, mortos pelas balas dos assassinos, os ricos enchiam os copos e bebiam nas luxuosas residências, em brindes aos facinorosos da ordem social.

Enxugai as vossas lágrimas mulheres e meninos que chorais! Escravos, alçai o coração! Viva a insurreição!"

Combina-se, então, um comício de protesto para a noite do dia 4, na praça Haymarket. Decide-se, porém, não ir ninguém armado. Falam Spies e Parsons. Quando vai falar Samuel

Fielden, cento e oitenta policiais surgem de todas as partes e, no momento mesmo em que vão fazer fogo contra o comício, estala uma bomba entre eles, derrubando sessenta e matando o policial Degan. Carrega então a polícia novamente sobre o povo, varrendo-o e perseguindo à bala!

A meia-noite, está a praça cheia de cadáveres e feridos: jovens, anciãos, mulheres e meninos! Durante uma semana, a polícia fazeja por todos os cantos, aqueles de quem a burguesia pretende vingar-se e livrar-se, supondo assim fazer parar o impulso revolucionário das massas trabalhadoras.

Enfim, são presos Spies, Fielden, Schwab, Fischer, Neebe, Luiz Lingg. É preso também Guilherme Sellinger, que se vende aos capitalistas.

Organiza-se um tribunal com o fim premeditado de condenar os acusados de qualquer jeito. Otto S. Taver, reputado comerciante de Chicago e amigo íntimo de um funcionário da justiça, Ryce, assegurava que este lhe havia dito em certa ocasião, "que tudo estava preparado convenientemente, a fim de constituir um júri, de tal modo, que os acusados fossem irremediavelmente levados à força".

De nada valeria ali, portanto, a defesa dos advogados. O tribunal não os podia acusar de crime algum. Não eram criminosos. Iam ser condenados porque, como anarquistas, desinteressadamente, mostravam ao proletariado, o único caminho a seguir nas suas reivindicações e na organização de uma sociedade em moldes mais humanos! O que ali se pretendia condenar era o Anarquismo, como se o pudesse sem imolar mandando assassinar os seus corajosos defensores.

Se de nada naquele Tribunal podia valer a defesa dos advogados, a defesa dos acusados só valia para mostrar que os criminosos ou, pelo menos, vis comparsas dos seus mandantes.

O julgamento ou a farsa que se inicia a 21 de junho termina os seus trabalhos a 20 de agosto, condenando a 15 anos de prisão Oscar W. Neebe, à prisão perpétua, Samuel Fielden e Miguel Schwab, e à morte Adolpho Fischer, Luiz Lingg, Jorge Engel, Augusto Vicente Teodoro Spies e Alberto R. Parsons, que, não se deixando prender, apareceu em pleno tribunal, por achar do seu dever, estar ao lado de seus companheiros e subir com eles, se preciso fosse, ao cadafalso.

Lingg, certo de que ia morrer, suicidou-se um dia antes, pela manhã, com um cigarro de fulminante de mercúrio. Spies, Fischer, Engel, Parsons,

cantando a Marselhesa, foram enforcados no próprio cárcere, às 11,50 do dia 11 de novembro de 1887.

REVISÃO DO PROCESSO

Cinco anos e meio haviam transcorrido quando o novo Governador, após a revisão do processo, sentiu o dever moral de declarar ante o mundo:

"Que os condenados foram vítimas de uma odiosa maquinação, preparada e desenvolvida sistematicamente com o objetivo exclusivo de levá-los ao patíbulo. Foram julgados e condenados por um tribunal ilegal e ilegalmente constituído e, a despeito das indignas maquinações do Juiz, o Tribunal não pôde demonstrar a culpa dos condenados. Tal ferocidade não tem precedentes na História... Considero dever iniludível, nestas circunstâncias, e pelas razões antes expostas, proceder de acordo com estas conclusões, e ordeno hoje, 25 de junho de 1893, que se ponha em liberdade incondicional: Samuel Fielden, Oscar W. Neebe e Miguel Schwab. O Governador do Estado de Illinois, João P. Altgeld"

1.º DE MAIO, DIA DE PROTESTO

A indignação causada entre os trabalhadores, em virtude de tão monstruoso crime, levou-os, no Congresso Socialista Internacional, realizado em 1888, a considerar o dia 1.º de maio de cada ano, como dia de protesto. Nele ficou deliberado que, em cada 1.º de maio, o trabalhador devia interromper o trabalho e manifestar toda a sua repulsa ao sistema capitalista, sistema que vive da mentira, da fraude, da impostura, da exploração, da humilhação, da tortura e dos assassinios praticados pelo Estado, o seu fiel e grande agente.

Paris, Barcelona, Saragoça, Roma, Buenos Aires e muitas outras cidades, corresponderam ao apelo do Congresso! Vivia apavorada a burguesia! A prontidão era rigorosa nesse dia!

Em 1890, um Congresso de socialistas partidários do Estado, realizado em Paris, decidiu proclamar o dia 1.º de maio, dia de Festa do Trabalho. Irrisão! Iam assim festejar o monstruoso crime da burguesia, contra aqueles destemidos representantes da classe trabalhadora! Foram ao encontro dos desejos da burguesia. Ela associou-se à festa, e, pouco a pouco, foi-se deturpando aquela grande data, em que, tantas vezes, se ouviu a voz consciente do trabalhador, ansioso por liberdade!

(Do folheto — Histórico do 1.º de Maio.)

1.º DE MAIO DE 1886 — 11 DE NOVEMBRO DE 1887

Por SERAPHIM PORTO

1.º de maio!... A partir de 1886, lembramos o dia em que as crianças e mulheres e velhos espancados e pisados nos comícios do povo, pela fúria da polícia, em cega obediência às ordens da autoridade, sempre a serviço dos poderosos! Lembras prisões! Lembras monstruoso crime praticado pela própria Justiça, contra quatro homens mais humanos, mais honrados, mais dignos do que qualquer dos membros daquele tribunal homicida! Lembrasses tu, só isto, e lembrarias muito pouco! As oito horas de trabalho que em ti ficaram registradas, não surgiram por encanto, em todas as outras regiões onde o trabalho faz produzir ou criar riquezas! Longa foi a caminhada e pesado o preço! Espancamentos, atropelos, desaparecimentos, prisões, torturas, mortes, viuvez, orfanidade!

1.º de maio!... Até chegar a ti, intenso foi o trabalho, e sacrifício não foi poupado! Dois anos de preparação para a tua greve geral! Tudo eram dificuldades! Distâncias enormes que vencer, deficiência de transportes, falta de recursos! Mas trabalhar de 11 a 16 horas, por dia, em péssimas condições e com miserável salário, não era mais possível! A organização foi perfeita e, por isso mesmo, as autoridades estremeçeram! Era preciso um pretexto e nova oportunidade! Uma bomba sobre a própria polícia! Morram os pobres diabos e vivam os nababos! Surge a oportunidade no dia 4, no comício de protesto contra as arbitrariedades da polícia nos dias anteriores. Após a explosão, prisões, os já conhecidos tribunais de julgamentos já feitos, a morte, pela força, no dia 11 de novembro de 1887, de quatro dos cinco homens, a quem as autoridades e os capitalistas dos Estados Unidos temiam pela sua inteligência, pela sua cultura, pelo seu desprendimento, pela sua coragem, pela sua ação e, sobretudo, pelos seus ideais!

1.º de maio!... Caíram sobre ti, as cinzas dos mártires de Chicago, mas a luta prosseguiu embora crivada de mil sofrimentos!

Surge uma guerra, surgem novos regimes. A luta prossegue num país, mas noutros é esmagada! No Rio de Janeiro, por exemplo, a Light conhece o peso dos trabalhadores das suas oficinas e é obrigada a conceder-lhes, sem intervenção de quem quer que seja, as oito horas tão desejadas!

Em certos países, porém, a pretexto da construção de um mundo melhor ou a pretexto da grandeza nacional, após o emudecimento e esmagamento das grandes consciências, recua-se lamentavelmente, ao passado, forçando o trabalhador a trabalho excessivo. Surge, então, o estacanoísmo e derivados. Surge o primeiro, na terra dos trabalhadores, com prêmios ridículos ou duros castigos, anulando aquilo que os trabalhadores de todo o mundo vinham conquistando com tanto sacrifício!

Surge nova guerra, permanecem os mesmos regimes! A luta parece então, parada por toda a parte! Avulta a ameaça contra o regime de oito horas de trabalho! Urge aumentar a produção, eis o pretexto!

O estacanoísmo de importação peronista conseguiu, não há muito, que trabalhadores ficassem de 30 a 36 horas seguidas nas suas fábricas, de onde saíram, sob os louvores da imprensa oficial, para cima de uma cama ou para dentro de uma caixa! Volta Perón à carga, agora com auxílio de trabalhadores, em franca camaradagem com os patrões. O lôgro alastrar-se pela América!

Outra grande ameaça é a elevação do custo de vida que obriga o trabalhador a permanecer mais horas no trabalho, para ganhar o que devia receber no período comum ou que o obriga a ter mais de um emprego.

Cumpra reagir! Saibamos pelo menos conservar aquilo que o martírio de uns e o sacrifício de outros nos legaram!

Quando o último rei muçulmano chorava, amargamente, a perda do último reino dos árabes na Península Ibérica, disse-lhe a mãe: — "Chora, agora, a perda daquilo que não soubestes defender!"

MÁRTIRES DE CHICAGO

Nestas horas trágicas em que o obscurantismo imperia- lista, com sua tenebrosa coligação, semeia pelos povos o terror, necessário é que soem os gritos de justiça com repetido e enérgico protesto.

Neste 1.º de maio de 1955, nós anarquistas, açoitados pelos monstros do capital, guerras, leis e religião, continuamos os fiéis e infatigáveis representantes do ideal e da luta revividos aos clarões dos vossos sepulcros.

Esse ideal e essa luta retrata a consciência universal protestando contra os tiranos, reivindicando os direitos dos produtores, reclamando a igualdade de classes, traçando o limpo e claro caminho da sociedade futura, livre de Estados, crimes e santos.

NEMO

O SINDICATO NO RIO DE JANEIRO

Por BARRAL

Desde que, após a revolução de tendência totalitária de 1930, o sindicato passou a depender do Ministério do Trabalho, para bem pouco tem servido. O maior lôgro em que caíram os trabalhadores foi o de suporem que teriam nele uma garantia certa contra o patrão e que teriam os seus problemas levantados e resolvidos pelo Ministério, arvorado em defensor perpétuo do trabalhador.

Era evidente que, para poder pôr a armadilha a funcionar, mil e uma promessas tinham de ser feitas. Os dirigentes estalinistas que sempre usaram da já velha, soada e fracassada tática de se aproximarem dos tiranos para envolvê-los, ou para, derrubando-os, substituí-los na direção da máquina já montada, tiveram papel relevante nessa obra de traição. Saiu-lhes, mais uma vez, o tiro pela culatra. Os seus inexperientes adeptos e demais trabalhadores é que sofreram as desagradáveis consequências.

A nova situação só veio favorecer os patrões e vários militantes sindicais que, desde então, traindo os companheiros, passaram a trabalhar no Ministério ou na Polícia, tornando impossível a luta sindical. Muitos destes sabujos não se afastaram das empresas em que trabalhavam, para melhor cumprirem o papel infame de delatores dos antigos companheiros. Muitos ganhavam por dois carrinhos: pela empresa e pelo Ministério ou pela Polícia.

As diretorias dos sindicatos, quase sempre, eram constituídas por espécimes desta torpe raça. Os interventores eram do mesmo estofa.

Que dizer das confederações nacionais de trabalho cujos membros os velhos trabalhadores jamais reconhe-

ceram como seus representantes, e em cujos membros, os trabalhadores de hoje jamais ouviram falar?

Quantos trabalhadores se viram ameaçados, no próprio Ministério, por policiais, quando procuravam queixar-se dos patrões!

O sindicato atual foi assim gerado. Embora já bem diferente, continua atrelado ao Ministério.

Vive o sindicato, praticamente, às moscas. Não são poucos os associados que supõem que as diretorias têm poderes para resolverem os problemas deles. E dizem convictos que para outra coisa não foram eleitos.

Se é necessário convocar grande número de associados, organizam-se festas. Estas tornam-se desnecessárias em se tratando de aumento de salário. Isto mesmo, nem sempre! Cada um fica a pensar que um outro vai fazer força por ele.

De modo geral, oscilam as diretorias entre patronais e comunistas misturados com os seus dóceis instrumentos de outras tendências. Uns e outros criam toda a sorte de dificuldades aos militantes independentes. Tudo fazem, e não escolhem meios, para boicotarem os militantes independentes.

Tudo isto acontece, quer em sindicatos de trabalhadores manuais, quer em sindicatos de trabalhadores intelectuais. É fácil explicar. Assim como os primeiros são só pedreiros ou carpinteiros ou marceneiros ou sapateiros e nada sabem das questões sociais, pois não procuraram estudá-las, assim os segundos são estudantes ou médicos ou advogados e nada sabem das questões sociais, pois não procuraram estudá-las.

O porco é como o boi manso,
Quando novinho atropeia,
Bufa, pula, se arrepeia,
Escrapeleia e se zanga;
Depois... vem lamber a canga
E torna-se amigo dela.

(ANTONIO CHIMANGO,
est. 141 da 4.ª ronda.)

Entre as várias causas que fazem andar o sindicato quase às moscas, está a que se apresenta sob a alegação da fadiga ao cabo de um dia de trabalho, da distância da residência, do tempo que se gasta em cada sessão.

No entanto, não é pequeno o número de trabalhadores que partem direto dos locais de trabalho, enfrentando todas as dificuldades das conduções, para assistirem a uma partida noturna de futebol, sujeitando-se a pisadelas e empurrões, quando as cousas param por aí. Muitos chegam a faltar a sessões para irem ao jogo.

Acabada a partida, à beira da meia-noite, vemo-los de marmita debaixo do braço, atulhando, atropeladamente, as conduções, em busca da residência longínqua. De modo geral, vencem as distâncias discutindo, acalorada e apaixonadamente, os grandes lances da partida, ou a conduta suposta ou realmente desonesta, do juiz. E a discussão continua pela manhã, ao voltarem para o trabalho. Não se fala em fadiga, em distância de residência, em tempo gasto durante a partida. Haja dinheiro para a entrada e não faltará a uma.

Depois... queixam-se do sindicato, queixam-se da diretoria.

O ESCRAVO MODERNO

Por VARLIN

Diante das promessas dos políticos, o povo vive esperando em melhores dias, garantidos pelas leis. E nesse imenso charco político se enlameia sem ver que as pequenas melhorias cedidas pela burguesia em seu proveito, quando não conquistadas por meio de greves são decretadas com o objetivo de dominar os assalariados.

Os governos esforçam-se, em todos os países, por convencer os trabalhadores, de que só poderão viver se lhes confiarem o produto do seu esforço cotidiano. Leis e mais leis se decretam, no sentido de criar uma mentalidade embruteada, impedindo os trabalhadores de pensar na possibilidade de difundir-se por si próprios. Para isso os governos protegem todas as idéias malévolas, misturadas com os mais variados ramos de comércio.

Vejamos como os governos atuam; com que cinismo e desfaçatez espalham o veneno que se entranha nas camadas populares, em especial na juventude.

Promovem discussões, suscitam conflitos-farsas, em torno da aprovação ou rejeição de projetos de lei, no sentido de tornar o trabalhador prisioneiro, escravo do Estado. Favorecem tudo o que mantém os preconceitos de raças, línguas e categorias sociais.

Amparam e sustentam os fantasmas, os ídolos, os santos e um Deus que intimida o povo, para que este continue cego, medroso e obediente. Protegem indiretamente essa ridícula e sinistra propaganda que enxameia as cidades com edições massivas de "Gibis", "Roy Rogers", "Cavaleiro Negro", "Aventuras do Capitão Atlas", "O Guri", "Histórias em Quadrinhos", etc. Esses tóxicos da juventude são distribuídos aos milhares, sem que o povo perceba sua finalidade. Protege-se o meretrício, não como fatalidade ou necessidade social, mas como fonte de exploração, de corrupção e desmoralização humana, a fim de confundir, depois, com o amor-livre, a prostituição com a liberdade sexual.

Amplia-se e propaga-se o futebol, não como esporte, mas como antidoto que atrofia e embrutece o ser humano, a ponto de ver-se no jogador uma figura proeminente, diante da qual se apagam o escritor, o inventor, o sábio e a própria miséria dos trabalhadores. O futebol, tal como se pratica e propaga, assassina gradualmente a personalidade dos jovens, conduzindo-os à resignação miserável em que vivem. E, nos últimos tempos, um comércio gigantesco, uma inesgotável fonte de receita.

Por seu lado, o rádio difunde as mais torpes comédias de elogio a cantores e bailarinas abaixo de medíocres, deixando para trás ignorados os verdadeiros artistas, os verdadeiros cantores, assim como os cientistas que se

esforçam por aumentar o bem-estar, uns com sua arte, outros com seus inventos. A maioria dos programas de rádio, bem infelizes, justamente os que gozam os favores do Estado ou de casas comerciais, buscam modelar o sabor dos poderosos a mentalidade da mulher e das gerações novas, convertendo-as em seres resignados e servis que aceitam a perpetuidade das injustiças reinantes.

Os jornais burgueses, por seu lado, cobrem páginas e páginas de anúncios, de crimes e de coloridos retratos dos políticos e dos jogadores. Seu principal objetivo é amolecer a rebeldia dos leitores, tornando-os fanáticos partidários do jogo ou da política, e, pelos lances destes ou daqueles, sejam capazes de esmurrar-se uns aos outros. Muito lamentavelmente se observa que os assistentes gritam, se revoltam e brigam. Os mesmos, que se acobardam diante do desleixo da Central do Brasil, viajam dependurados nas portas e janelas, às vezes até, em cima dos vagões, mas em silêncio.

As escolas-oficiais incutem na cabeça dos alunos obediência ao Estado e à Igreja.

Nessa atmosfera, verifica-se que, em qualquer país, 40% da população é constituída por parasitas, declaradamente exploradores do suor alheio e autores de uma infinidade de crimes e roubos. Mas uma percentagem igual, senão superior, apesar de pobre, com mentalidade abaixo de medíocre luta desesperadamente para entrar no meio parasitário. São mulheres prostituídas-se por dinheiro, na mira de melhor posição social. É o homem representando o sinistro papel de traidor, de vendilhão, de traficante e, às vezes, até de assassino, mediante promessas de uma subida ao pósto imediato.

Povo, escuta e medita! Há homens a quem o dinheiro embotou os sentimentos, entenebrecu a consciência, tornou cruéis, barbaramente cruéis. São eles umas barras de ouro-homem. Seu tempo é gasto nas casas de jogo, onde o vício e a corrupção não têm limites. Os mesmos que nos salões de dança se exibem com suas comendas ao peito, completamente embriagados, enquanto suas mulheres e filhas se divertem nos cabarés com rícaços em segunda mão.

Na luxuosa barbearia, está o mesmo relapso esperando que lhe cortem as unhas. Tudo isso enquanto tu, trabalhador, curvado ao péso do trabalho, com o rosto enegrecido pelo sol escaldante, descalço, mal vestido, apresentas no rosto enrugado, bem visível, o estigma da fome.

Repara nos luxuosos meios de transporte burgueses, nos lautos jantares em deslumbrantes hotéis. Enquanto proporcionas aos burgueses esse conforto, és transportado às três da manhã, pa-

ra a cidade, num trem, de tal modo superlotado; que, quando entras com as mãos levantadas para proteger a marmitta, não as consegues baixar senão ao fim da viagem. Tua alimentação é farinha e feijão preto, cozido de véspera e comido — quantas vezes — já azedo.

Vê ainda os luxuosos edifícios onde se albergam os cafres encasacados, depois de um dia de negociações infames e tenebrosas. Em seus palácios, cobertos de tapetes aveludados, como as suas falsas consciências estraga-se o produto do teu esforço.

Olha agora bem, nas cristas dos morros, aquela montão de poeiras, feitas de madeira velha e chapas ferrugentas, que mais se parecem com os escombros de uma demolição do que o abrigo de seres humanos. É nesse aglomerado de casebres que se esconde, como num fornelheiro, essa massa de gente que fabrica, que constrói, que desbrava, que cultiva, mas... passa fome. Seus tapetes são o barro amarelado do chão.

Lá falta saneamento, pois os esgotos serpenteiam pelas vertentes dos morros até serem evaporados pelo calor. Não há água, falta assistência médica, o ensino dos professores, etc...

Finalmente repara no aglomerado de anônimos recalçados pelas intempéries e pela fome, a caminho do exército, convencidos de que devem defender a pátria dos endinheirados. Mas que é a pátria, senão uma invenção capitalista, que nos ensina a obedecer e a defender suas riquezas? A pátria está no estômago deles, pois dessa imensidade de terra que avistamos nem um só centímetro é vosso. Toda essa riqueza que saiu do vosso trabalho não vos pertence. Porque defender os interesses dos capitalistas e não defender os vossos? O que é a pátria senão o trapo sujo da obediência, a garantia do explorador sobre o explorado?

Trabalhador! Povo dos campos, das fábricas e oficinas, vós que representais a riqueza saída do trabalho manual e intelectual; vós que sois os construtores das armas destruidoras e assassinas; vós que sois os fundidores da moeda com que os ambiciosos pensam comprar-vos; vós que possuís em vossas mãos a alavanca-chave de tudo quanto o ser humano precisa para viver, porque entregais aos outros o que é legitimamente vosso? Porque esperar leis impressas com papel e tinta que vós próprios fabricais?

Levanta-te escravo de sempre! Desperta e quebra as algemas patronais. Sacode o terrível jugo da sujeição. Une-te aos teus companheiros de infortúnio e, sem palavras de ordem dos partidos políticos, extermina esse gême que corrompe, humilha e escraviza!

Repara seriamente na força que em ti reside e, se a compreenderes, cruza os braços por alguns dias. Verás, então, como se desmorona o carcomido edifício social. Verás como a justiça, a eterna cega, arrancará a venda e lançará ao monturo as muletas (espada e cruz) que a amparam. E então, uma nova justiça se estabelecerá, mais humana e mais justa.

O 1º DE MAIO E O 11 DE NOVEMBRO

Por JOSÉ ROMERO

Transcorre mais um 1º de maio, transformado em dia de festa do trabalho, isso por obra e graça dos socialistas entorpecedores, primeiro, e, depois, pelos Estados burgueses, todos com a mira em agradar e explorar a boa fé dos operários, tanto quanto os outros o que têm procurado fazer, sempre, é adormecer, com paliativos, a consciência individual e coletiva dos explorados, matar o espírito de iniciativa de que são capazes os produtores, iniciativa tão fecunda quando esclarecidos eles e livremente organizados.

Em vez de fazerem dele um dia de reivindicação moral e econômica, de protesto contra todas as injustiças sociais, de solene afirmação de convicções e fé no ideal de emancipação humana, os trabalhadores, hoje, passam-no indiferentes, ou, alguns ouvindo lorotas, como se, por ter sido feriado esse dia, já tivessem alcançado a meta final da sua redenção social. Os sátiraps modernos continuam, com mais afinco, a mistificar a sua verdadeira significação, aquela que deve ter entre os párias e oprimidos de todo o mundo.

Os anarquistas jamais poderão conformar-se com que seja considerada Festa do Trabalho a data que marcou, há 71 anos, o início do maior movimento operário pela conquista da jornada de oito horas de trabalho, data que a plutocracia dos Estados Unidos transformou em tragédia condenando oito homens, cinco a morte e três a prisão perpétua por um crime não cometido por eles.

Com efeito, aqueles homens demonstraram, perante o tribunal, que estavam inocentes. Mais, puseam de relêvo, em seus discursos, que pertenciam à parte da humanidade mais evoluída sob todos os aspectos por que se encara o homem civilizado, em procura da maior perfeição para a sociedade humana. Portaram-se digna e corajosamente ante os juizes venais que os condenaram só por defenderem, de forma convincente, o ideal anarquista, fundamentalmente superior ao que sustenta e defende a sociedade capitalista, corrompida e desumana.

A Festa do Trabalho, a verdadeira, só será realidade quando o trabalho, livre de toda exploração, for a verdadeira garantia do bem estar da humanidade. E isso só será possível quando os produtores manuais e intelectuais, esclarecidos e conscientes da sua missão na terra, souberem implantar o comunismo libertário ou anarquia.

Ninguém que conheça, um pouco ao menos, o movimento operário internacional poderá negar, de boa fé, a luta ingente sustentada pelos anarquistas e a prol da organização profissional dos operários da indústria e do campo desde os primórdios das lutas dos trabalhadores.

Prometeu, o titã da mitologia grega, arrancou o fogo do céu e o entregou aos mortais para que a raça humana pudesse continuar a viver. Os anarquistas procuram arrancar da mão humana a montanha de preconceitos e absurdos que as castas dominantes, de todos os tempos, fizeram acumular-se, durante milênios, em seu cérebro. Eles vêm destruindo esse nevoeiro que envolve o homem e impede veja, à frente, a luz do sol. Eles, baseando-se na experiência das lutas humanas em

prol de mais justiça, forjaram, com os progressos realizados pelas ciências naturais e sociais, um ideal, o mais puro e nobre, de aspirações a uma vida mais bela, ideal que vai iluminando as consciências e as despertando a letargia em que ainda estão submersas, desviadas do rumo certo, pelo qual conseguiremos a emancipação da espécie.

Estamos convencidos de que, nem o chamado Estado Proletário, nem o Estado burguês levarão a comunidade humana à sociedade igualitária, onde a socialização da terra seja realidade como usufruto comum, administrado pela coletividade em benefício de todos.

A revolução que o povo russo fez foi desviada por um partido agarrado a dogmas doutrinários, já falhos, que o educa, dogmáticamente, amarrando as consciências aos interesses e senhas desse partido de feição totalitária. O Estado burguês, dizendo-se embora democrático, impede que os trabalhadores, em suas organizações, se preparem, criem, por uma autoeducação social, nova mentalidade afim de saberem viver, como homens livres, na futura era de convivência humana: a do comunismo libertário. Contra essa preparação moral e profissional, trabalham todas as castas e partidos políticos que dominam as nações em seu proveito.

O 1º de maio de 1886 e o 11 de novembro de 1887, dia da execução dos mártires, são datas inesquecíveis para os anarquistas. Elas representam valores morais imperecedouros, já registrados pela história com o devido relevo.

Na primeira, ficou demonstrado pelos fatos sucedidos, a capacidade organizadora dos seus dirigentes na preparação do movimento para o dia 1º de maio, e mais, a atividade incansável na direção da greve, pela imprensa e pela palavra, nos comícios dos trabalhadores.

Na segunda, no tribunal, perante os juizes e o povo, a demonstração cabal da inteligência de caráter, inteligência, cultura e desprendimento de vida, dos mártires de Chicago em defesa da grande causa dos trabalhadores e, como corolário, elevando bem alto o seu heroísmo, os semeadores do ideal anárquico subiram ao patíbulo serenos, imperturbáveis e, sorridentes ante as forças, exclamaram:

— Salve o tempo em que nosso silêncio será mais eloquente do que nossas palavras!

A plutocracia, com seu Estado, suas leis, sua justiça, os matou, pensano que, com eles, matava o ideal que defendiam. Puro engano! Os prosélitos germinaram em todo o orbe como as flores na primavera.

JOSÉ PÁSSARO

Faleceu em S. Paulo, em janeiro, o velho companheiro José Pássaro. Chegou-nos a notícia quando já o número passado estava em máquina.

José Pássaro, nascido em Rigalbuti, na Sicília, no ano de 1887, pertencia àquêle pupilo de jovens italiano que ao Brasil aportaram nos começos deste século, trazendo, a par da necessidade imperiosa de viver, o fogo sagrado das idéias libertárias.

Apesar dos grandes dissabores por que passou em sua longa existência, permaneceu fiel aos princípios anarquistas até o fim de sua vida.

Vão, neste canto do nosso e, portanto, seu periódico os nossos adeuses de amigos e companheiros.

EXPLORADOS E EXPLORADORES

Por A. A. VIEIRA

Para quem estuda a história do gênero humano, um fato, constante em todas as épocas e locais, atrai imediatamente a atenção. Trata-se da desigualdade social ou seja a coexistência, numa determinada sociedade, de duas classes de indivíduos: a dos exploradores e a dos explorados. Os primeiros, reduzida minoria, possuem riquezas e privilégios, gozam do necessário e até do supérfluo; os demais, em grande maioria, não dispõem sequer do indispensável e vivem trabalhando para que aos primeiros nada falte.

Não pretendemos agora filosofar sobre a origem de tal estado de coisas. Queremos apenas salientar que, apesar dos progressos que negavelmente têm havido durante a evolução humana, o que é certo é que ainda hoje perdura, e bem sólidamente, o mesmo regime de exploração de uns pelos outros. Porque isso? Quais as causas

que, contra toda a lógica, conseguem manter uma situação tão antinatural? A nosso ver, essas causas se resumem em duas: ignorância e egoísmo.

A ignorância provoca o conformismo (sempre assim foi... sempre assim será...) e afoga o espírito de revolta. A ignorância faz torpor as massas deste mundo com a esperança numa hipotética compensação depois da morte. (Sofrei, irmãos, que o sofrimento vos abrirá as portas do paraíso...) A ignorância faz com que os explorados esperem a salvação, não de si próprios, mas de espertalhões ou de loucos que tudo prometem com o fito único de se alçarem ao poder (Trabalhadores do Brasil! Votai em mim que eu vos darei carne a seis cruzeiros o quilo!). A ignorância afasta o pensamento dos problemas realmente importantes para só ocupá-lo em coisas frívolas (futebol... carnaval). A ignorância, enfim,

permite que grandes populações sejam dominadas por pequenos grupos, do mesmo modo que enormes boiadas se deixam conduzir por alguns pastores. Ah, se os bois tivessem noção da sua força! Ah, se os explorados adquirissem conhecimento do seu próprio valor! E se penetrassem de que eles, sim, são os mais numerosos, os mais fortes, os que realmente produzem, e que bastaria a só recusa da sua colaboração para fazer desabar todo o iníquo regime capitalista!

Mas, além da ignorância, há ainda o egoísmo. É este que faz com que a maioria dos explorados, em vez de se esforçarem para destruir o regime de exploração, procurem apenas passar da situação de explorado para a de explorador. É o egoísmo que leva tantos indivíduos, pretensamente idealistas, depois de resolvidos os seus problemas pessoais, a esquecerem-se do que foram, para se tornarem defensores do atual sistema social. É o egoísmo, aliado à ignorância, que induz tantos explorados, em troca de escassas migalhas, a porem-se ao lado dos explorados, servindo como policiais, como militares, como fabricantes de

Nos últimos 15 anos, apareceram, na América e na Europa, dezenas de livros, em diversas línguas, sobre o sistema de terror e escravidão reinante na Rússia Soviética, sobre as limpezas ou expurgos lá realizadas e em que foram liquidadas muitas dezenas de milhares de comunistas e funcionários, sobre as horrendas cadeias em campos de concentração, em que centenas de milhares de pessoas foram atormentadas até a morte e ainda agora padecem de dez a quinze milhões de homens, mulheres e crianças.

Todos esses livros têm sido escritos por pessoas que nessas cadeias estiveram e da Rússia se salvaram como por milagre, ou por ex-comunistas estrangeiros, que viveram muitos anos na Rússia e tiveram ensejo de conhecer intimamente a vida soviética e depois voltaram de lá inimigos fígdalos do comunismo e da ditadura de Stálin.

De outro caráter é o livro A história secreta dos crimes de Stálin, saído alguns meses faz, em N. Y. O autor desse livro, Alexandre Orlov, pertencia às camadas superiores da sociedade comunista. Durante 21 anos, foi membro do partido. No tempo da guerra civil, foi comandante de guerrilheiros na frente sul e chefe da espionagem militar. Depois, foi, por longo tempo, ajudante de promotor do Tribunal Superior de Justiça Soviética. Mais tarde, foi chefe da Seção Econômico-Administrativa da N. K. V. D. e, por último, chefe da Espionagem Militar na Espanha.

Orlov conhecia muito bem todos os dirigentes soviéticos. De muitos deles foi amigo íntimo. Stálin o conheceu bem no ano 1924.

Orlov não rompeu com Moscou por se ter decepcionado com o comunismo, senão porque Stálin o quis liquidar em 1938, como liquidou pontualmente todos os outros altos funcionários comunistas e dirigentes da N. K. V. D., conhecedores dos segredos dos seus crimes.

Em 1938, estando na Espanha, soube que o suplente do chefe da Divisão Estrangeira da N. K. V. D., Spiegelglas, tinha ordem de Stalin para liquidá-lo. No dia 9 de julho de 1938, recebeu Orlov um telegrama de Elov, chefe da N. K. V. D., para recolher-se à Antuérpia e encontrar-se lá com um camarada, seu conhecido pessoal, no navio Svir.

Orlov compreendeu o que significava isso e respondeu que partiria imediatamente. Mas, em vez de ir para Antuérpia, foi,

História Secreta dos crimes de Stálin

(The secret history of Stalin's crimes by Alexander Orlov — New York — Randon Haig)

com a mulher e a filha, para Paris. Lá, aproveitando-se do seu passaporte diplomático, obteve um visto para o Canadá e, por feliz coincidência, entrou, no mesmo dia, num navio que zarpava para o Canadá.

Lá chegando, enviou Orlov extensa carta a Stálin e cópia a Elov. Nessa carta, enumerava todos os crimes de Stálin, que bem conhecia.

Como ficavam na Rússia sua mãe e a mãe de sua esposa, reféns vivos, participou a Stálin que, se algo lhes sucedesse ou se os agentes da N. K. V. D. o matassem e a sua mulher, seu advogado publicaria imediatamente, na imprensa mundial, sua carta a ele, Stálin.

"Eu bem conhecia Stálin, escreve Orlov, estava certo de que refletiria seriamente nas minhas palavras. Era isso um jogo arriscado para mim e minha família, mas eu estava certo de que Stálin seria forçado a adiar sua vingança até o momento em que conseguisse apropriar-se de mim e forçar-me a entregar-lhe as memórias ocultas, impedindo, por tal modo, a divulgação de seus crimes. Só, então, poderia vingar-se de mim à sua maneira.

Só quinze anos depois, certo de haverem morrido sua mãe e sua sogra, decidiu-se Orlov a publicar seu livro.

Li esse livro com grande interesse. Ele é, penso eu, o livro mais valioso e interessante sobre Stálin e sua época, até agora aparecido.

Numa série de capítulos, conta Orlov a verdadeira história dos famosos processos de Moscou contra dirigentes do partido bolchevista: Zinóviev, Kámeniev, Piatakov, Bukhárin, Ríkov e outros.

Narra também como eliminaram o marechal Tukhatchévski e vários generais.

Até agora, sabia-se, desses julgamentos, o que acharam conveniente os soviets divulgar. Orlov, porém, relata minuciosamente o que se deu, atrás dos bastidores, de tão sangrentos espetáculos. Quem foi o ordenador? quem tudo preparou? quem procedeu aos inquéritos? como forçaram os presos a confessar crimes que não cometeram? a cuspir no próprio rosto?

Do livro de Orlov sabemos que o presidente do tribunal foi Ulrich, o procurador foi Vichinski, os diretores da N. K. V. D. eram Jagoda e Jegov com seus auxiliares e juizes de instrução, e mais, que os próprios acusados eram instrumentos mudos nas mãos do ordenador de tudo, o chefe Stálin.

Orlov expõe tudo como pessoa que, direta ou indiretamente, participou desses julgamentos. Narra apenas o que sabe ser certo. Não conta quanto sabe, mas o que conta é exato, verdadeiro, persuasivo. Afirma que Stálin justicou dez vezes mais revolucionários, que todos os tzars juntos.

As depurações sangrentas de Stálin começaram em 1934 Formou seu próprio plano quinquenal para usurpar todo o poder e tornar-se o autocrata da Rússia.

O primeiro passo para isso foi o assassinio do dirigente bolchevista, ditador de Leningrado, Sérgio Kírov, em 1934.

Era membro do Polit-buró e muito influente. Brilhante orador, não tinha medo de freqüentar as reuniões de operários e lá discursar. Em 1934, nas sessões do Polit-buró, criticava Kírov, muitas vezes, a política do governo. Exigia se tomassem medidas energéticas para melhorar a situação dos operários. Por isso, cresceu muito, sobretudo em Leningrado, sua popularidade, mormente no 17º Congresso do Partido Comunista. Em geral, o entusiasmo que podem e devem manifestar os delegados aos dirigentes do partido no congresso é rigorosamente regulado de antemão. Cada membro do Polit-buró pode ser aplaudido durante dois minutos; Stálin, durante dez minutos. Mas, no 17º congresso, Kírov foi aplaudido durante dez minutos. Stálin, então, resolveu transferi-lo de Leningrado para Moscou; mas Kírov não se deu pressa em deixar Leningrado. Stálin, então, resolveu livrar-se dele.

(Continua na pág. seguinte)

Livro Indispensável

II

No número anterior prometemos falar mais circunstanciadamente do livro de Paul Barton, Praga à l'heure de Moscou.

A primeira parte do livro intitula-se A técnica do amálgama.

O autor começa comparando a processualística soviética à da Inquisição: segredo absoluto da informação judiciária; poderes quase ilimitados do procurador; ausência de qualquer testemunha de defesa; sentença pronunciada sem a menor prova material, baseada só nas confissões extorquidas ao réu. Apenas, os modernos inquisidores dispõem de instrumentos mil vezes mais poderosos de extorsão. Essa afirmação não vai sem provas.

Porque técnica do amálgama?

No processo Slánski, aberto em Praga aos 20 de novembro de 1952, foram réus: Rudolf Slánski, ex-secretário do P. C. da Tchecoslováquia; Bedřich Gminder, da Internacional Comunista de Moscou e chefe da seção internacional do secretariado central do P. C. da Tchecoslováquia; Ludvík Freika, ex-redator do Daily Worker, jornal comunista da Inglaterra, chefe da seção econômica sob o presidente Gottwald; Josef Frank, ex-secretário-geral adjunto do P. C. da Tchecoslováquia; Vladimir Clementis, ex-chanceler; o general Bedřich Reicin, ex-ministro da defesa nacional; Karel Šrám, ex-vice-ministro da Segurança nacional; Artur London, ex-vice-ministro do Exterior; Vavro Haidu, ex-vice-ministro do Exterior; Evzen Loebel, ex-vice-ministro do Comércio Externo; Rudolf Margolius, ex-vice-ministro do Comércio Externo; Otto Fischl, ex-ministro da Fazenda e embaixador; Otto Sling, ex-secretário-geral do P. C. na Tchecoslováquia na região de Brno; André Simone, pseudônimo de Otto Katz Simon, agente secreto da União Soviética em vários continentes, redator diplomático da Rudé Pravo, do P. C.

Foram condenados a galé perpétua London, Haidu e Loebel. Os demais foram enforcados em Praga aos 3 de dezembro de 1952. O processo durou exatamente uma semana.

“Esse processo, diz o autor, é com razão considerado a maior máquina judiciária havida, desde os processos de Moscou dos anos trinta.”

E adiante: “Haverem os réus confessado atos com que jamais sequer sonharam antes de se acharem perante o Inquisidor a ninguém surpreende. O que caracteriza o grande processo de Praga é a multidão e heterogeneidade dos elementos de que se tece a denúncia. Sem pretender enumerar todos esses elementos, podemos citar os seguintes: as prerrogativas do aparelho do Partido Comunista; o emprêgo, nos postos-chaves da economia nacional, dos diretores formados sob o antigo regime; fatos concernentes à espionagem soviética no Ocidente; relações diplomáticas com os países estrangeiros a bloco soviético; atividades dos espies soviéticos na Tchecoslováquia; relações econômicas e outras com a Iugoslávia antes e depois da excomunhão de Tito; apreciação da atitude assumida por Eduardo Benes ante Moscou e dos comunistas tchecoslovacos ante Benes; financiamento das atividades do Kominform nos países ocidentais; política dos investimentos na economia nacional tchecoslováquia; assistência tchecoslováquia ao exército Haganah antes da guerra na Palestina e durante essa guerra; propoções entre a indústria de automóveis e a das construções mecânicas pesadas na Tchecoslováquia atual; atividades dos espies de nacionalidade tchecoslovaca na Grã-Bretanha durante a última guerra; trocas comerciais com o Oeste; entendimento dos serviços de informação soviéticos em Praga com a Gestapo no período de 1939 a 1941, origem social dos oficiais do exército tchecoslovaco; descontentamento da população; falência do regime de Praga na execução das encomendas russas concernentes aos produtos da indústria, e assim por diante.”

Demonstra o autor ter sido o processo Slánski obra de Stálin diretamente.

A mira do processo logo o demonstra. “O processo Slánski foi utilizado

para formular, pela primeira vez, uma novíssima política do Krêmlin no Oriente médio.”

Stálin queria opor-se “ao imperialismo norte-americano no Oriente médio”. Para isso, era-lhe mister o apoio árabe. Daí seu surpreendente antissemitismo, a acusação a Israel de ser cabeça de ponte dos Estados Unidos. Essa intenção ficou evidente nas acusações do processo.

Outro alvo foi Franco. A democracia ocidental repugnava qualquer aproximação com o aliado de Hitler e Mussolini. Stálin combatera Franco embora andassem de mãos dadas contra a C. N. T.

Importava a Stálin ter a simpatia de Franco. O melhor meio foi aniquilar abertamente os ex-combatentes da Espanha. Essa operação se anunciara em 1950. No processo Slánski, declarou-se brutalmente. Os ex-combatentes eram acusados, todos, de trotskistas, burgueses vendidos ao imperialismo norte-americano e foram dizimados em massa. No processo, havia dois termos principais de injúria: **sionista e interbrigadistas.**

Terceiro fim do processo: destruir, nos países satélites, as já esboçadas resistências aos estalinistas nacionais às intromissões brutais de Moscou na sua administração, isto é, evitar novos Titos. Por isso, Slánski, primeiro na Tchecoslováquia, foi acusado por Gottwald de querer colocar o aparelho do partido acima do Comitê Central, órgão de Moscou. Por isso Clementis e Frejka, adversário de Slánski, foram incluídos no processo por desejarem nos postos administrativos, não meros membros do partido, senão homens competentes.

Impossível resumir sequer, aqui, a exposição ou enumeração dos diversos grupos internos ou externos votados à destruição ou intimidação pelo ditador russo. Para apanhar a todos, inventou-se um **Centro de Conspiração contra o Estado.** Nêle foram metidos homens e grupos inimigos mútuos, irreconciliáveis. Porém, os instrutores do processo arranjaram o amálgama desses fatores heterogêneos, amálgama escandaloso como frisa o autor: “Se nos admirarmos de ver estalinistas fanáticos que declaram, perante o tribunal, serem e haverem sido sempre os piores inimigos da política de Stálin, não devemos esquecer essa outra metamorfose consistente em que um homem como Rudolf Slánski assume a responsabilidade de tudo quanto fez seu maior adversário, Klement Gottwald, e em confessarem, os partidários deste, que foram dirigidos pelo infeliz Slánski. A confusão criada por essa metamorfose no espírito público, pouco avisado do que vai nos bastidores do regime, visa a fazê-lo aceitar mais facilmente as confissões alucinantes, referentes às pretensas atividades antissoviéticas dos réus assim como seus conchavos com espies estrangeiros.” (Pág. 36.)

Adiante, pág. 79, depois de analisar as atividades reais de vários réus, comenta o autor: “A tensão dramática é gerada pelas ficções de que se tece o libelo. Contrariamente a tudo quanto podia prever o público, os réus do grupo Slánski confessam ter cometido atos que de fato combateram e foram praticados pela camarilha Gottwald. Em compensação, os réus filiados a esta se declaram fervoros adeptos de Rudolf Slánski.”

Assim se fez o amálgama desse mais que abominável crime político de Stálin.

Veremos outros aspectos.

**Diz um rifão muito antigo
Que, quando brigam os [nobres,
Quem sofre o peso e o [castigo
São as costelas dos pobres.**

MALATESTA

História secreta dos crimes...

(Continuação da pág. anterior)

O assassinio devia ser realizado pela N. K. V. D. Em presença de Jagoda, chamou Stálin o substituto da N. K. V. D. de Lenigrado, Zaporogets, e deu-lhe ordem de suprimir Kirov. No 1.º de dezembro de 1934, foi Kirov morto na Sede Central do Partido Comunista de Lenigrado. Alguns dias depois, noticiou-se nos jornais que o atentado contra Kirov fôra praticado por 104 guardas brancos, membros de duas organizações emigrantes especialmente mandadas à Rússia para assassinar Kirov. Todos esses terroristas receberam seus merecidos castigos: foram fuzilados. Dezesseis dias depois, apareceu nova notícia nos jornais: foram acusados da morte de Kirov, não os 104 guardas que foram fuzilados, mas a oposição de Trótzki-Zinóviev. Zinóviev e Kámeniev foram presos e, aos 23 de dezembro, o governo soviético anunciou que Leoníd Nicoláiev, o matador de Kirov, e seus auxiliares haviam sido fuzilados. O julgamento não foi público. Tudo se passou secretamente. Vinte e cinco dias depois de ter sido Nicoláiev executado, surgiu nos jornais nova notícia: muitas pessoas foram condenadas a 2 ou 3 anos de prisão por saberem que se preparava um atentado contra Kirov e o não haverem delatado.

Orlov, desde o começo, desconfiava não ter sido Kirov morto por terroristas anticomunistas. Começou a investigar o caso e pouco a pouco apurou os pormenores de como foi levado a cabo o homicídio pelos dirigentes da N. K. V. D. de Lenigrado. Esse Nicoláiev não era da N. K. V. D. Pouco tempo antes, fôra excluído do partido e, por isso, odiava os membros da comissão de controle prometendo um ajuste de contas com os que lhe tiraram a carteira do partido. Os dirigentes da N. K. V. D. entraram a preparar Nicoláiev, aconselhando-o a vingar-se de Kirov, o mandão do partido. Um agente da N. K. V. D. deu-lhe um revólver e os guardas deixaram-no entrar no gabinete de Kirov, proporcionando-lhe oportunidade de matá-lo. Só depois do atentado e estando na cadeia,

soubes ter sido aproveitado pela N. K. V. D. para aquele mister e tentou suicidar-se.

Justiçado Nicoláiev, foram executados igualmente todos os da N. K. V. D. que tomaram parte na conspiração ou dela sabiam podendo revelar o segredo de Stálin.

Depois, acusou Stálin a Zinóviev e Kámeniev de serem os responsáveis pelo assassinio de Kirov e suas forçadas confissões foram aproveitadas para implicar, no mesmo crime, novos grupos de importantes dirigentes comunistas até destruir toda a velha guarda comunista e, com ela, todos os da N. K. V. D. que participaram das investigações, do julgamento e arrancaram confissões dos acusados ou sabiam dos sucessos ocorridos atrás dos bastidores.

Orlov transcreve todas as diretrizes dadas pessoalmente por Stálin aos chefes da N. K. V. D. nas consultas ao Krêmlin, suas instruções aos investigadores de como quebrar a resistência dos amigos de Lénin e deles receber as falsas confissões, suas negociações pessoais com algumas das vítimas e suas conversas com eles.

Ele soube dos segredos dos próprios investigadores, alguns dos quais foram seus auxiliares, por exemplo, Mirónov, principal encarregado do preparo dos processos e Boris Berman chefe da divisão estrangeira na N. K. V. D.

Relata Orlov coisas interessantes sobre os dirigentes comunistas, sobre Máximo Górkí e sobre a mulher de Stálin. Afirma que Ordjanokidze não morreu de morte natural como o propalou a imprensa soviética, senão que foi assassinado por ordem de Stálin. Também foi fuzilado outro amigo de infância no Cáucaso, Jenukidze, por muitos anos secretário do Executivo Central dos Soviets e de grande influência no governo.

Stálin desejava muito que Máximo Górkí escrevesse um livro sobre ele. Por isso, tudo fez por obter a amizade de Górkí. Muitas fábricas, uma rua importante de Moscou foram, por ordem de Stálin, batizadas com seu nome. A cidade de Nijni, onde Górkí nasceu, deram o nome de Górkí. Deram-lhe, em Moscou, uma excelente casa e outra no campo. Para suas viagens à Criméia, tinha sempre vagão especial. De 1929 a 1933 passou o inverno na Itália acompanhado de dois médicos. Cada desejo de Górkí satis-

FUTILIDADES

Por PEDRO PEDRO

Brasil e poderiam fazer a tão almejada revolução.

Outro ponto deveras importante tratado pelo nosso amável missivista, são as colônias de férias. Discordo totalmente desse ponto de vista pois acho que o trabalhador tem o direito de gozar suas férias onde mais lhe convenha e não onde lhe é indicado, como atualmente acontece na U. R. S. S. Geralmente, quem goza de férias as deseja passar com pessoas que há muito não vê e muito me custa crer que semelhantes pessoas estejam todas localizadas em uma colônia de férias, digamos, dos metalúrgicos ou dos têxteis.

A distribuição do trabalho é coisa notável. O operário não escolhe o local; este lhe é escolhido e, caso não vá, será punido como vil sabotador. A mesma coisa acontece com referência às transferências que somente são dadas quando a célula do partido, no local do solicitador, consente. Caso contrário jamais e, para conseguir isto, é preciso ser benquisto pelo respectivo secretário da referida célula. O trabalhador só trabalha no local em que o partido achar útil; mas, como varia esse conceito de útil de local para local, de cidade para cidade de acordo sempre com o conceito do julgador!

Uma coisa que jamais me conseguiram explicar foi a falta ao trabalho. Creio que jamais isto é possível naquela grande democracia. Não creio que, entre milhões de operários, alguns não falem ou tentem faltar; mas, se lá isso não acontece, deve ser pelo perfeito controle exercido sobre o infeliz proletariado e a pena deve ser tão grave que ninguém a tente transgredir.

O gentil e meigo missivista ficou embasbacado quando ouviu falar que, no Metrô Russo, quase tudo é de ouro e seu entusiasmo não se contém ante os lugares especiais para as gestantes. Pergunto: não seria obra feita simplesmente para propaganda e, mesmo que não fosse, não construiu o Império Romano obras magníficas que hoje são admiradas pelo mundo inteiro? Quando vejo uma obra desse quilate, fico a pensar, não na sua beleza, mas no salário irrisório que o operário percebeu para dar mostras ao

mundo do poderio de seu patrão ou senhor. Uma dessas é o canal do Panamá. Quantos morreram, quantos lares sem pão antes e depois da construção dessa obra, quantos se enriqueceram à custa do baixo salário que pagavam pela mão de obra? Entretanto, nunca, em tempo algum, um Governo, ou mesmo particular, pagou tão barato por uma obra tão gigantesca, pois (isso não sabe o missivista) o Governo russo utilizou todos os meios perigosos presos políticos para iniciarem e acabarem esta obra que é tanto admira. Quanto ao compartilhamento para as gestantes, acho que não é aproveitável a idéia nem a sugestão, pois, se as empresas do resto do mundo ainda não lançaram mão disso é que não compensa em vista do pouco número de gestantes que viajam; mas como todo país tem seus costumes quem sabe se, na U. R. S. S., as gestantes costumam viajar por tradição ou simpatia?

Sobre a infalibilidade da justiça soviética, o próprio governo acaba de reconhecer certos erros de que, no tempo de Stálin, por exemplo, quem falasse seria imediatamente enviado para a quente Sibéria. Conclui-se, então, que anteceder ao governo sobre um erro é crime e o erro só é erro quando reconhecido pelo governante.

Creio ter dado resposta à amável carta do ilustre amigo que, às vezes, se assina Issa Liex, de endereço ignorado. Sempre às ordens do amigo, aqui estaremos e nunca lá o esperamos.

PALAVRA PAZ
Disco voador do imperialismo iânque e soviético.
Tumba aberta de milhares de irmãos.
Saida do Kremlin ou da Casa Branca, simbolo de exploração, ódio e guerra entre os povos.

DE TODAS AS PARTES

1. As vezes, Londres diz alguma verdade.

Em sua emissão de 4/2/54, na emissora da B. B. C. de Londres, sob o tema de **Moral sem Religião e Humanismo Científico**, a professora de psicologia Margaret Knight fez uma conferência.

Entre muitos conselhos salientamos o seguinte: “Chegou a hora de deixarmos de atochar a cabeça das crianças com histórias sobre Deus e outros muitos mitos. Deus não existe; o Diabo não existe. A Bíblia é um elemento essencial de nossa cultura; mas, deve ser considerado como o são os livros de mitologia grega e romana.”

Isso, é claro, não souo bem ao Vaticano que protestou e impediu que tais conferências continuassem.

2. Negócio é negócio!

O navio Elisa Nübel chegou, há pouco, à Espanha, procedente da Polónia, com carvão soviético destinado às caldeiras anticomunistas de Franco! Como os fatos rimam com as palavras!

3. O imperialismo britânico mantém sua tradição.

O ministro das Colônias britânico fez, ante a Câmara dos Comuns, um balanço da repressão operada em Ké-

nia (África) aos indígenas de cor que lutam por sua terra e liberdade:

Encarcerados	17.629
Internados em campos de concentração	47.562
Mortos em combate (em 12 meses)	4.406
Executados (em 12 meses)	528

Desse modo, o capitalismo consolida sua libra esterlina.

4. Nem todo americano gosta de d. Páco.

As edições do New York Times dos dias 16 e 18 de dezembro foram apreendidas pela polícia franquista na Espanha. Falava-se nelas em liberdade de imprensa.

A verdade sempre assusta os tiranos.

5. O povo americano também protesta.

Os operários novaiorquinos organizaram, algumas semanas faz, um comício antiimperialista, entre cujos vários oradores falou Max Shactman. Entre outras coisas, disse:

“A rebelião surda ou aberta de centenas de milhões de seres humanos dos povos coloniais, semicoloniais ou submetidos, isto é, da maioria da humanidade, constitui a grande revolução do nosso tempo... A classe rea-

cionária de nosso país não pode compreender esta revolução, não pode admitir que a era dos impérios haja atingido o fim e que esses centenaes de seres atrasados, duplamente atrasados por serem de cor, possam aspirar à plena independência... Muitos homens afirmam nos Estados Unidos que dirigir esta revolução seria labor nobre. Entretanto, antes de poder aspirar a tal direção, indispensável seria fazer uma revolução em nosso próprio país, uma revolução que nos purgue do veneno que nos devora e que nos faz ser hoje a nação e o povo mais suspeito e até mais detestado do mundo. Seja-nos permitido proclamar daqui, ante todos os povos de cor, ante todos os povos oprimidos do mundo inteiro, que o povo dos Estados Unidos não quer confundir-se com seus governantes; que há dois Estados Unidos, o dos exploradores imperialistas e o dos trabalhadores honrados, dos que abraçam, sem vacilações e sem discriminação alguma, a causa da liberdade. Uma cousa é estender e levar aos povos atrasados nossa civilização e outra cousa sair de nossas fronteiras sob o estandarte da liberdade para explorar ou para acumpliciar-nos aos nossos aliados em sua repressão dos movimentos desesperados dos povos oprimidos.”

Por que não propagam as embaixadas americanas esses discursos do seu povo?

O peregrino

fazia-se imediatamente. Porém, Górkí não se decidia a escrever o livro sobre Stálin. Ao mover Stálin sua perseguição aos velhos bolchevistas, tornaram-se tensas as relações entre Stálin e Górkí. Vendo então Stálin que Górkí não escreveria o desejado livro, mandou Jagoda propor a Górkí escrevesse pelo menos um artigo no Pravda com o título: **Lénin e Stálin.** Górkí não escreveu o artigo. Em dezembro de 1934, presos Zinóviev e Kámeniev, transmitiu Jagoda a Górkí o pedido pessoal de Stálin: escrever um artigo em que condenasse o terror individual. Stálin supunha que tal artigo iria ser considerado pelo povo russo um ataque de Górkí a Zinóviev e Kámeniev. Górkí, é claro, percebeu o intento e recusou a proposta de Jagoda com estas palavras: “Eu condeno tanto o terror individual, quanto o do Estado.”

Depois disso, não no deixaram mais sair da Rússia. Stálin sabia que, na Itália, poderia Górkí escrever um livro sobre ele, mas não seria o livro por ele cubiado.

Morto Górkí, acharam os funcionários da G. P. U. um embrulho com anotações guardadas. Ao ler essas páginas, exclamou Jagoda furioso: “Quanto mais se alimenta o lóbo, mais saudades ele tem da mata.”

Sobre a segunda esposa de Stálin, Nadéjda Aliúieva, afirma Orlov que morreu de um tiro de revólver, porém não se sabe se quem atirou foi Stálin ou ela própria “mas, sabendo eu como ele tratava sua mulher, inclino-me a pensar ter-se ela suicidado”.

Tinha ela trinta anos. Não era para ninguém segredo quão precária entre os dois era a vida conjugal.

Uma vez, em presença do comandante do Krêmlin, Páuker, ela gritou para Stálin: “Você tortura sua mulher, tortura seu filho, tortura todo o povo russo.”

Muitos fatos interessantes, não só sobre Stálin, como ainda sobre outros dirigentes bolchevistas, só sabemos, de primeira mão, pela obra de Orlov.

Porém, a mais sensacional e dramática parte do livro é a história subterrânea dos processos de Moscou, os de Zinóviev, Kámeniev, Piatakov, Bukhárin, Ríkov e outros.

(Continua)

NO PARAISO DE SALAZAR

II

Por EDGARD RODRIGUES

Ao denunciarmos alguns dos milhãres de roubos e atentados bárbaros e autoritários praticados pelo sanguinário Ditador português e seus partidários não o fazemos no sentido patriótico pois somos de opinião de que o bem da Pátria não está no estômago, mas no interesse do BEM e da VERDADE.

Analiseemos alguns comentários dos assessores de Salazar:

Em 19/2/45 o Deputado Capitão Duarte Marques dizia na Assembleia Nacional de Lisboa: "Não hesito em acusar a Junta Nacional dos Produtos Pecuários e a Junta Nacional dos Azules, assim como os Grêmios, pela sua desmedida exploração ao pobre consumidor enquanto existe abundância de gêneros. Tudo funciona por determinação dos privilegiados sem nenhuma impunidade. Por sua vez, Melo Machado, na sessão da mesma Assembleia, de 12/12/41 afirmava categoricamente: "Verifica-se que, desde 1923 até 1939, duplicaram as contribuições passando a mais de 2 milhões. Enquanto isso, nas Câmaras Municipais, diminuíram as receitas e aumentaram as despesas."

Acompanhando de perto os "Diários do Governo" em sua 1.ª série de 25/9/53, liemos: "Foi aberto um crédito de 3.000 contos ao Ministro do Interior para gastos confidenciais ou reservados." Aqui cabe-nos o direito de perguntar que gastos reservados são esses que o povo contribuinte não tem o direito de saber? Seria para cobrir roubos ou despesas particulares do Ministro? Assim nos parece. Quem se atreve a afirmar o contrário se tudo é confidencial!

PORTUGAL VISTO POR DENTRO

Em 1912, registrou-se, na Junta Nacional dos Produtos Pecuários, um desfalque no valor de 4.110 contos sendo acusados diversos funcionários segundo queixa apresentada à Polícia que até hoje não prendeu os autores da roubalheira.

Outros casos de roubos encobertos pelas leis fascistas e sem punição existem como os que figuram nos "Diários das Sessões" ns. 96 de 5/3/47 e 108 de 21/3 do mesmo ano pag. 949.

Algumas das personagens (segundo os referidos Diários) são: 4 empregados da Junta de Exportação de Angola, entre eles o presidente e vice-presidente; três altos funcionários da Direção Geral dos Serviços de Portos, Caminhos de Ferro e Transportes de Angola; um funcionário da Direção

dos Serviços de Correios, Telégrafos e Telefones de Angola; cinco funcionários da Direção do Serviço de Administração Civil, entre os quais quatro administradores e um chefe da repartição dos Serviços de Estatística. Verificou-se estar envolvido num roubo o presidente da Câmara Municipal de Luanda (éste é oficial do exército).

Existe um processo contra o então Diretor do Arquivo Histórico Colonial, Manuel Múrias, afastado desse cargo e hoje Diretor do "Diário da Manhã" órgão de propaganda do Governo de Salazar.

O jornal portuense "Primeiro de Janeiro" em 10/7/51 (durante curto período de liberação da censura para efeito de propaganda eleitoral) dizia: "Há roubos descarados como o assalto aos bancos e sociedades anônimas, nos quais o Estado está envolvido. Essas sociedades foram assaltadas por protegidos da situação que auferem remunerações que excedem, em muitos casos, uma centena, os vencimentos do presidente da República e para isso violaram a lei."

Sá Carneiro, um dos autores dos roubos do banco Souto Maior, na negociata das louças e tijolos massços, é protegido por seu parente, o ministro da presidência Lumbrães. Por isso ficou impune.

No célebre escândalo do açúcar teve parte mestre Paulo da Cunha, ministro dos Negócios Estrangeiros.

Foi condenado a 5 anos de prisão o capitão do Exército Valadas, por se recusar a participar dos assaltos aos cofres do Estado, em 1945, quando prestava serviço nos Comandos Militares dos Arquipélagos da Madeira e Açores. Dirigia esse assalto o general Ferreira de Passos, a quem o capitão Valadas teve a coragem de denunciar no tribunal da Boa Hora durante o julgamento.

Quem não conhece o "deficit" da C. P. (Companhia Portuguesa de Caminhos de Ferro) que excede vinte mil contos sendo seu diretor o deputado Mário de Figueiredo, responsável por tal desvio?

Existe um processo contra alto representante sindical por ter recebido 400.000 contos para deixar descarregar cereais estragados. Nesta mesma situação está um antigo presidente da Corporação dos Marchantes, por ter recebido 5 milhões de escudos em troca de licença de importação de carne da Argentina.

Comanda estas aves de rapina o ministro das Corporações, Soares da Fonseca, um dos contemplados nos lu-

chos da escandaleira que foi a construção na Bélgica dos navios "Santa Maria" e "Vera Cruz" da Companhia Colonial de Navegação e um dos responsáveis pelo roubo de 16.000 contos das Caixas de Previdência em 1951.

É essa cáfila de ladrões que dirige as caixas sindicais (Ministro das Corporações) onde se acumulavam em 1952 1.414.000 contos e as caixas de reforma com depósito no valor de 1.639.013 contos; com as contribuições do mesmo ano atingiram um total de 4.330.829 contos. É esse Estado dentro do próprio. Estado que os trabalhadores ignoram e que os homens de granito, moldados e fundidos na ignorância, no barbarismo fascista, procuram impedir que algum dia se conheçam. Toda essa quantia é extorquida aos trabalhadores, enquanto os mesmos rastejam com o péso da fome e da velhice precoce. É a essa cáfila de bandidos encasacados e com dedos cobertos de pedrarias reluzentes à custa das lágrimas dos que trabalham que eu desafio a provar-me que exista ao menos um trabalhador em mil a quem seja permitido conhecer ou sequer perguntar como corre o movimento das Caixas Sindicais para as quais descontam obrigatoriamente 7%. O mesmo dizemos acerca dos trabalhadores aposentados, pois podemos garantir que, numa cidade como a do Porto, com uma população de 290.000 habitantes até 1952, não existem 200 operários aposentados.

NÍVEL DE VIDA E A MISERÁVEL ALIMENTAÇÃO DO TRABALHADOR

Em conferência pública, em 1945, o sábio prof. Abel Salazar disse: "Portugal tem um nível de vida 55% inferior aos países mais bem estabelecidos da Europa e 25% inferior aos dos restantes."

Efetivamente, no ano de 1952, foram abatidos, no matadouro da cidade do Porto, 4.342.000 quilos de carne. A população dessa cidade, como dissemos, é de 290.000 habitantes. Tocaram portanto 33 gramas por dia para cada pessoa (não falando no povo das aldeias onde não existe açougue nem matadouro). Entretanto, essa mísera porcentagem de carne da qual as famílias pobres nem sequer tomam o cheiro é absorvida pelas classes abastadas que não se conformariam com tal racionamento.

Porque não podem comprar carne os trabalhadores? A esta pergunta respondendo com o preço do quilo de carne: 22800 escudos é um dia de salário do

trabalhador especializado, salário que é de 25000 escudos segundo os decretos publicados nos "Diários do Governo" e transcritos no livro "Manual da Legislação do Trabalho" de autoria de A. C. Rodrigues, agente da Inspeção do Trabalho. Acrescento a esse testemunho a minha amarga experiência pois vi que os trabalhadores em Portugal só comem carne por doença grave e por indicação médica tendo, já se vê, quem lhe adiante o dinheiro; em caso contrário, passa-se um ano e mais que a grande maioria dos operários especializados não vê carne senão os que passam à porta dos açougues. Outro tanto acontece com o queijo, a manteiga, o leite, assim como as frutas, etc.

Portugal tem atualmente (segundo estatísticas) um regime de calorías por pessoa de 2.400 portanto 100 calorías abaixo do mínimo indispensável de subsistência segundo afirma a "United Nation Food and Agricultural Organization".

Toda esta miséria recai sobre aqueles que, de alpercatas, caminham durante 2 ou mais horas a pé de manhã e outras tantas à tarde para angariar o pão de cada dia (o autor destas linhas fez durante alguns anos esta forçada aventura). Porque não dizer a verdade se até o trabalho é mendigado de chapéu na mão, como esmola? Os operários não ganham feriados e domingos e ai daquele que se atreve a sair do serviço para tomar café. As crises de trabalho são constantes embora algumas regiões ricas, como o Alentejo e Algarve, estejam praticamente abandonadas pois pertencem a um número restrito de tubarões que impedem o seu cultivo.

Existe uma dúzia de tubarões isentos de impostos e têm uma renda anual de metade do orçamento da Nação (entre eles António do Amaral). Não foi à toa que Gollanste Gulbenkian grão-mogol internacional do petróleo e candidato a homem mais rico do mundo, escolheu Portugal para morar, pois lá tem guardado a ferro e fogo o seu tesouro, prova clara de que Portugal é o refúgio dos ladrões e agiotas.

SALAZAR E A GUERRA

Dizem os patriotas: "Salazar soube evitar que fôssemos à guerra." Vejamos porque. O governo português foi declaradamente interessado pela vitória das forças do Eixo, embora existisse uma velha aliança com os ingleses. Qual o caminho a seguir ante a amizade fascista e a aliança inglesa? Um só restava: a neutralidade.

Para as forças do Eixo, a neutralidade de Portugal era de suma importância. Lá tinham as suas emissoras agindo livremente com conhecimento das autoridades portuguesas e, graças a esse intenso trabalho, os submarinos do Eixo carregavam volfrâmio, conservas, azeite, milho, trigo e carvão. Em

suas emissões a B. B. C. de Londres, no período de 1911 a 1943, denunciava às autoridades portuguesas o haverem recebido carvão inglês e cedido aos alemães. Outro tanto aconteceu com a folha de Flandres para embalagem de conserva. (Por isso a polícia proibiu que se ouvisse tal emissora.) Por outro lado e ante essa nefasta atitude, dos ingleses só lhes interessava a neutralidade dada a pouca serventia dos portugueses por falta de petrechos e técnica do exército português.

Essa neutralidade dava margem aos alemães apoderar-se dos arquipélagos dos Açores e Madeira e os ingleses também as pretendiam para bases aéreas. Até aqui, essa neutralidade foi arquitetada por um jôgo de interesses e não pela sabedoria de Salazar.

Entretanto, Portugal era invadido (se é que Timor é português como dizem os patriotas) no dia 19 de fevereiro de 1943 pelas forças do Eixo (japoneses). E quem defendeu os pobres timorenses analfabetos e desarmados? Pobres indígenas quanto sofreram durante o assalto enquanto as forças portuguesas que guardavam Timor tinham ordem para não fazer fogo. O navio "João Belo" que dizia chegar a 20 ou 21 de fevereiro de 1943 com tropas para salvar a ilha, só chegou em 1945 depois do armistício, deixando assim que se praticassem crimes e roubos sem conta. Entre outros, perderam a vida os deportados Ramos Graça, Ferreira da Silva, Mário Gonçalves, etc. Um dos homens que mais lutaram contra os japoneses foi o deportado Dr. Carlos Cal Brandão ao lado de um grupo de guerrilheiros australianos que foram em defesa de Timor. Cal Brandão deixou-nos um livro muito elucidativo "Funo" (Guerra em Timor). Não obstante os revoltantes episódios que nos descreve, os que não pôde contar no seu trabalho para não incorrer na lei da censura, relatou-nos pessoalmente em presença do também deportado anarquista, Amando Pinto, quando o visitamos no Porto.

Já lá vão alguns anos sem que nos possamos esquecer as ações bárbaras dos soldados portugueses e demais autoridades com relação às filhas jovens dos timorenses obrigando-as a saziar-lhes os desejos sexuais à força. Isto é revoltante mas é fato. Outro abuso que merece ser relatado é este: Os timorenses serem obrigados a prestar serviço ao governador de 15 dias a 60, por ano, gratuitamente, não obstante ter que pagar 6 patacas às mesmas autoridades e 5 à junta local da respectiva circunscrição a que pertenciam.

Tudo isso é obra do divino mestre Salazar. Mas não pára aqui, pois esse santo admite que seus partidários continuam vendendo em Angola e Moçambique pretos a 1.500\$00, isto em pleno século XX.

Graças à miraculosa obra de Salazar tudo é possível naquela santa terra.

Franco e os exilados espanhóis

Por JOSÉ ROMERO

A ofensiva franquista no sentido de conquistar a amizade das democracias e dos democratas do continente americano, com o fim de ser admitido na O. N. U., continua com todo o ímpeto. Cada dia aparecem notícias revelando seu progresso.

Por outro lado, procura o falangismo, no meio das colônias espanholas destas bandas, arrefecer a repulsa ao regime franquista e fazer crer em quase paraíso a vida na terra sujeita à tirania do Caudilho-mirim. Mas, toda essa propaganda visa a influir nos que lá vão gastar economias aqui conseguidas. Em suas visitas, esses turistas só têm tempo de ver certas exterioridades; não podem perceber, na realidade, o que lá se passa nem a vida amarga do povo. Os que fizeram a América, em sua maioria não cuidam de observar a exata situação existente na saudos e querida pátria, em seus aspectos políticos, econômicos e sociais.

Entretanto, agora, preocupa-se muito o Caudilho com os núcleos de refugiados da França e seus territórios como de outras partes, pois a ação desses lhe tira um pouco o sono e a placidez desfrutada no Palácio de El Pardo e isso apesar da proteção da guarda moura e a de Santa Bárbara, a quem ele ofertou uma espada de ouro, em fervoroso agradecimento por sua vitória sobre o povo espanhol, esmagando-o... é bem de ver, com o auxílio de Hitler e Mussolini, também não devemos esquecer a muito pia e espiritual ajudazinha do Vaticano, o qual, durante toda a guerra civil, não teve uma palavra de repúdio aos crimes da aviação dos bandidos ditadores da Itália e da Alemanha. O papa nem estremeceu quando aqueles infames bandoleiros, com permissão de Franco, bombardearam Guernica, o mercado de Barcelona e mulheres e rapazes que faziam a colheita dos produtos agrícolas nos campos da zona republicana. Valha-nos o Demo! O Jesus, que espécie de representantes deixaste tu na terra?

Agora, como o tirano do povo espanhol quer conquistar as boas graças dos democratas, finge-se humanitário e oferece aos exilados de 39 possibilidade de regresso à Espanha, garantindo-lhes a saída caso lhes convenha. Essa é a última, grosseira e indecente manobra do clérico-falangismo, crentíssimo de que se vai perpetuar pelos séculos afora. Tal, porém, não sucederá.

Para termos idéia desse golpe intencional de Franco aos exilados, vejamos o que diz Puyol em *Solidariedade Obrera* de Paris, órgão da *Confederación Nacional del Trabajo* (C. N. T.) de Espanha no exílio, no seu número de 6 de janeiro deste ano.

"Não fossem, diz ele, os certificados de refugiado expedidos pelo departamento francês de proteção a refugian-

dos e apátridas, com certeza Franco não teria dito: esta boca é minha! Outra manobra mais, visto que ninguém poderá, nós, é claro, ir e vir da Espanha, sem perder a condição de refugiado (e, com ela, a proteção francesa), permanecendo doravante estrangeiro. A disposição que tanto alarde vai causando não passa de um bota e tira não menos velho do que os anteriores, pretendendo assentar um direito, falando em termos pugilísticos, à dita repartição francesa. Querem "sangrar-se em saúde" e demonstrar ao mundo que já não existem refugiados espanhóis em França e suas colônias, o que, folgamos em assinalar, não é certo. O certificado de refúgio específica: seu possuidor "está colocado sob a proteção jurídica e administrativa do Ofício" e a carteira de identidade, em virtude do certificado, especifica a condição de refugiado com a palavra bem explícita e o selo da Prefeitura. Quantos certificados tem expedido a Repartição de Paris a espanhóis que replem qualquer contacto com os consulatos de Franco? Com certeza, três quartas partes. Isso explica o rasgo liberal do Caudilho como contragolpe à referida Repartição e como chamariz para caçar incautos. Perder a qualidade de refugiado indo à Espanha e regressar ao ponto de partida sem a mesma qualidade, a pique de uma provável acusação apócrifa de delitos extrajudiciais parece arriscado.

Está bem claro: o chefe falange que oprime o povo ibérico almeja receber magnânimo depois de ter mandado matar sem piedade, já terminada a guerra, milhares de espanhóis, homens de todos os credos e partidos políticos e até padres católicos da Biscaia por terem cometido o crime de defender a liberdade e o progresso da Espanha.

Agora, pretende aprisionar os que estão no exílio gozando liberdade, podendo dizer o que pensam em defesa da oprimida Espanha. Os exilados gozam dessa situação porque seu procedimento em França tem sido exemplar como é natural em homens livres. A França os respeita como os respeitam o México e outros países que soberanamente o verdadeiro sentido humano ao direito de asilo. E, seguramente, cremos ter a França ficado reconhecida ao sacrifício dos trinta e cinco mil espanhóis que lutaram lá contra os invasores assassinos depois de haverem combatido o traidor da Espanha e verdugo do seu povo.

E a realidade é que, enquanto Don Páco faz essas vis manobras para efeito internacional, o povo espanhol passa fome. O seu padrão de vida é o mais baixo de toda a Europa e da do povo do Brasil. Essa é a conclusão a que chegou uma comissão oficiosa de paulistas que percorreu diversos países do velho mundo. Essa é também a conclusão de um homem de negócios,

de relevante família paulista a quem ouvi referindo-se a Franco.

Portanto, Franco e a Falange, chefe e rebanho, em dezessete anos de domínio só têm feito destroçar a nação arranjando-se eles, a fradaldada e o alto clero. E, para se salvarem, entregam a Espanha aos lanques a tróço de empréstimos em nada favoráveis ao povo. E querem que os exilados voltem. Seguramente, para povoarem novas prisões que estão construindo, pois as velhas ainda acolhem centenas de presos.

Não faz muito, foi o franquismo admitido na UNESCO, isso contra o voto de mentalidades de grande projeção. Talvez achem, certos democratas, excelente a cultura clérico-falangista-nazi-fascista para garantir as democracias. Há poucos dias, um representante da grande república brasileira nas Nações Unidas declarou que a Espanha devia ser admitida na O. N. U. com observador permanente. Dá pena ver como certos democratas são desmemoriados. A representação do regime franquista jamais será representação da nação espanhola e da sua cultura.

Não! democratas sinceros, antifascistas conscientes, povos das Américas! não vos iludais com as manobras do franquismo, com sua suposta amizade. Sob ela vem a rasteira do velho procurando destruir as liberdades existentes. Os que ajudam o franquismo trabalham, consciente ou inconscientemente, contra o povo espanhol. Tal regime é o que há de mais antispânica ainda que os ultramontanos disfarçados digam o contrário. A verdadeira Espanha ainda está sufocada e agrihoada, mas, não haja dúvida, seu povo a libertará.

A CRUZ DOS VERDUGOS

Por DALMAU

Enquanto milhares de famílias vivem entre latas e caixões, abandonadas à intempérie nos arredores de cada cidade espanhola; enquanto a Espanha figura, na estatística europeia, em último lugar, na construção de viviendas, com 20.000 pesetas em vez das 500.000 necessárias, o grandioso Estado Nacional explora as energias de milhares de prisioneiros políticos na construção mais faraônica deste século. Centenas de milhões de pesetas estão sendo gastas para realizar o plano do arquiteto Pedro Muguruza (não verá sua obra terminada por já lhe haverem plantado outra cruz). A obra inaugurar-se-á em Cuelgamuros (Madrid), aos 19 de julho deste ano e, com o nome de Vale dos caídos, meterão nele 150.000 esqueletos dos chamados Cruzados.

Não há cidadão espanhol que possa penetrar nesse lugar se não com licença especial. Só os súditos americanos, que hoje, na Espanha, conseguem quanto queiram, podem visitá-lo. Várias revistas dos Estados Unidos publicaram fotografias e comentários. Todos eles tacham de loucura faraônica

ADMINISTRAÇÃO DE "AÇÃO DIRETA"

Novembro de 1954

Contribuições — Trigo — 100 — F. da Silva — 150 — Correia e Neves — 100 — Gonçalves — 142 — Silas — 50 — Banda do Licão — 21 — Companheiros de Pelotas — 210 — Dalmau — 20 — Raul — 20 — Afonso — 20 — Linaura — 50 — Câmara — 25 — Daniel — 100 — Pessagno — 110 — A. Correia — 100 — Rodrigues — 500 — A. Correia — 50.	Saldo de outubro ... 2.020,00
	Total 1.768,00
	Líquido 3.788,00

Despesa

Entregue por conta do N.º 96	2.000,00
Correspondência interior e exterior, registados e envio de jornais	118,00
Total da despesa	2.118,00

Balanco

Receita	3.788,00
Despesa	2.118,00
Saldo para dezembro	1.670,00

Dezembro de 1954

Contribuições — Trigo — 100 — F. da Silva — 150 — Silas — 50 — Correia e Neves — 100 — Raul — 40 — Afonso — 20 — Gonçalves — 100 — A. Correia — 50 — Pessagno — 110 — Banca da Galeria — 120 — Rodrigues — 500 — Huches — 100 — C. dos subúrbios 20 — Dalmau — 50 — Banca Licão — 10 — Linaura — 50.	Total 1.570,00
	Saldo de novembro .. 1.670,00
	Líquido 3.240,00

Despesa

Liquidação no N.º 96 — expedição clichês e correspondência interior e exterior	2.745,00
--	----------

Balanco

Receita	3.240,00
Despesa	2.745,00
Saldo para janeiro	495,00

Nota da administração

Companheiros de Palmeiras (Paraná) Vossa contribuição será publicada no balanço de janeiro e fevereiro.

ca essa obra inútil e custosa, comparando-a aos trabalhos que os antigos realizavam com seus escravos. Calcula-se-lhe o custo em setenta e cinco milhões de dólares. Duzentas e cinqüenta mil jardas cúbicas de granito foram extraídas para dar lugar a esse monumento. Diversos túneis conduzem a seus vastos ossários e a cruz gigantesca, com ascensores internos para lhe subir nos braços, indica o lugar da colossal cripta.

Nenhum país civilizado comemorou até hoje de forma tão grotesca uma luta interna. Só mentes de herança inquisitorial a poderiam ter imagiado. É dividir a Espanha, formar uma força fascista que, embebedada, grita: **Gibraltar! Viva Hitler! Viva o Caudilho!** criando, assim, um lógico antagonismo de oposição; é ser sempre criminoso, acrescentar à matança de milhares de irmãos, a divisão e o ódio entre os vivos.

Felizmente, sabemos que o franquismo e o povo espanhol são cousas distintas. O franquismo, produto nazifascista americanizado, de composição inquisitorial vaticanista, possui a degeneração desprezível dessas monstruosidades e idénticas malfetorias. A colossal cruz evástica que o demente Führer levantou em Nuremberg terá seu símbolo em Madrid. Os ossários que a religião, com seus Bórgias, fez

no mundo, terão igualmente seu traslado. Ele próprio fixou o porvir de seu idolo: irá fazer parte (se tiver sorte) desse negro ossário que a razão humana fará desaparecer como símbolo de horror e sangue entre irmãos. Enfrentando-se, vemos o povo espanhol, com a firme e resoluta intenção de forjar seu futuro baseado na liberdade e harmonia humana. São duas correntes inversas que não podem confundir-se.

As consciências honradas protestam contra esse franquismo que explora o sofrimento de suas vítimas, esquecendo que fez da Espanha um ossário onde jazem mais de um milhão de cadáveres, representação eloqüente e trágica da grandeza desse Estado Nacional, Estado que, neste século, encerra o germe estreito, macabro e terrível do fascismo, ante um povo sedento de liberdade; que respira vingança ante a tocha acesa da igualdade; que destrói a cultura social espanhola ante corações que a defendem cheios de arrojo e vontade; que destrói lares, famílias e seres, violando direitos humanos que sempre protestaram; que, protegido por esses "livres Impérios" se mantém inclinado ante os bárbaros vestígios de seus mestres totalitários, cuspidos cnicamente nas razões elementais e direitos e cultura, progresso e humanidade.